

## SENTIDO(S) DA FILOSOFIA HOJE

Bruno Pucci<sup>1</sup>

### RESUMO

Este ensaio visa apresentar alguns elementos para se inquirir o(s) sentido(s) da filosofia nos dias de hoje. Para tanto, se utiliza da explanação de cinco fragmentos: a contemporaneidade da filosofia; seu olhar microscópico; especialização e livre vôo; a tensão entre a filosofia e o mercado; e o desvelar do interior da *filosofia*.

### ABSTRACT

This essay aims to present some elements to investigate the meaning(s) of philosophy nowadays. Five fragments are used to explain this: the contemporaneousness of philosophy; its microscopic view; specialization and free flight; the tension between philosophy and market; and the process of unveiling the interior of *philosophia*.

Vou trabalhar a temática a partir de Theodor Wiesengrund Adorno e em forma de fragmentos. Para tanto servir-me-ei dos textos: *A Atualidade da Filosofia*, conferência proferida a 07/05/1931, quando Adorno assumia a cátedra de Filosofia na Universidade de Frankfurt; *Minima Moralia: reflexões a partir da vida danificada*, livro escrito em forma de aforismos, nos anos 1944-1947; *Para que ainda a Filosofia?*, conferência transmitida pela Rádio de Hessen, janeiro de 1962; *Terminologia Filosófica I e II*, livros elaborados por alunos de Adorno, que reproduzem uma disciplina desenvolvida pelo mestre no período maio/62 a fevereiro/63; *A possibilidade da filosofia hoje* e *O interesse da Filosofia*, aforismos extraídos do livro *Dialética Negativa*, publicado em 1967.

<sup>1</sup> Professor Doutor do Programa de Pós-graduação da UNIMEP e coordenador do Grupo de estudos e pesquisa "Teoria Crítica e Educação", com sedes na UNIMEP e na UFSCar.

**1 - A filosofia tem que ser contemporânea de seu tempo. Il faut être absolument moderne. “A frase de Rimbaud ‘é preciso ser absolutamente moderno’, não é um programa estético para estetas, e sim um imperativo categórico da filosofia”, diz Adorno na conferência Para que ainda a filosofia?<sup>2</sup>**

A crítica do pensamento filosófico dominante parece ser uma das tarefas mais sérias e atuais da filosofia, diz ele na conferência *A Atualidade da Filosofia*.<sup>3</sup>

Adorno tinha presente os grandes pensadores da história que fizeram da crítica seu instrumento de desconstrução e de construção do pensamento filosófico. Pensava em Aristóteles, que criticou a filosofia dominante de Platão; em Kant, que criticou as filosofias dominantes do racionalismo e do empirismo; pensava em Marx, que criticou o idealismo hegeliano e o positivismo “cientificista”.

Assim, o discurso inaugural de Adorno, *Atualidade da Filosofia*, em 1931, pode ser interpretado como uma resposta crítica à filosofia de Heidegger, cujo livro *Ser e Tempo*, publicado em 1927, era muito influente entre os círculos das faculdades da Universidade de Frankfurt. Heidegger e Adorno estavam fortemente influenciados por Husserl, ambos concordavam que sujeito e objeto eram necessariamente relacionados. Porém, Heidegger defendia esta relação como dada imediatamente na experiência, enquanto que Adorno revelava sua relação mediatizada pela experiência da argumentação dialética. Ambos queriam estabelecer uma análise concreta, “materialista” dos fenômenos, uma hermenêutica fenomenológica do mundo profano, porém para Heidegger isso significava desvelar uma verdade geral, “essencial”, a partir da experiência vivida do homem, enquanto que Adorno queria desvendar dentro do particular a estrutura geral de uma sociedade historicamente desenvolvida<sup>4</sup>.

<sup>2</sup> ADORNO, T. W. *Para qué aún la filosofía?*. In *Intervenciones*. Versão castelhana de Roberto J. Vernengo. Caracas: Monte Ávila Editores, 1969, p. 24.

<sup>3</sup> ADORNO, T. W. *Actualidad de la filosofía*. Traducción de José Luis Arantegui Tamoyo. Barcelona: Ediciones Paidós, 1991, p. 95.

<sup>4</sup> Cf. BUCK-MORSS, S. *Origen de la dialéctica negativa: Theodor W. Adorno, Walter Benjamin y el Instituto de Frankfurt*. Versão castelhana de Nora R. Maskivker. Mexico: Siglo Veintiuno editores, 1981, p.154.

Adorno estabelece, em seu discurso inaugural de 1931, um roteiro de sua filosofia a partir de uma crítica radical à filosofia dominante de Heidegger.

Se analisarmos a *Dedicatória das Minima Moralia*, escrita nos anos 1944-47, vamos perceber que Adorno se posiciona, neste seu livro de fragmentos, contra uma das categorias centrais dos sistemas filosóficos da modernidade, a categoria da totalidade. Diz ele:

*(...) este livro, longe de esquecer a pretensão de totalidade do sistema, que não toleraria que se saia dele, antes se insurge contra ela. (...) em face da concórdia totalitária que apregoa imediatamente como sentido a eliminação da diferença, é possível que, temporariamente, até mesmo algo da força social de libertação tenha se retirado para a esfera individual.*<sup>5</sup>

E, em um de seus 153 aforismos, exatamente no 29, *Frutas anãs*, deixa escapar a forte expressão: *O todo é o não verdadeiro*, num contraponto à frase de Hegel, *O verdadeiro é o todo*. Adorno quer, no momento de predomínio da visão da totalidade, chamar a atenção para a liquidação do particular, a decadência do indivíduo, a eliminação da diferença.

É preciso ser absolutamente moderno. A filosofia precisa ser contemporânea de seu tempo. É esse um dos grandes ensinamentos dos filósofos. Qual a filosofia imperante que danifica profundamente nos dias de hoje o próprio filosofar? O positivismo “cientificista” ainda com grande vitalidade nos meios acadêmicos e nas políticas das instituições de pesquisa? O pragmatismo contemporâneo que tenta justificar, através de uma filosofia interessada, o progresso extraordinário das revoluções científicas atuais, questionando-lhes os elementos selvagens? O pós-modernismo, enquanto recusa da unidade, da homogeneidade, da totalidade, da continuidade histórica, das metanarrativas improcedentes?

No texto *Para que ainda a filosofia?*, Adorno mostra muita compreensão para com a difícil tarefa de filosofar na era da Indústria

---

<sup>5</sup> ADORNO, T. W. *Minima Moralia*. Tradução de Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Ática, 1992, p.7.

Cultural e da semiformação generalizada: *Quem defende uma coisa que o espírito da época colocou de lado, como coisa passada e supérflua, se coloca em posição incômoda. Seus argumentos soam como algo forçado* <sup>6</sup>.

**2 - O olhar microscópico do filosofar.** O primeiro parágrafo da *Atualidade da Filosofia* nos dá a direção para este segundo fragmento:

*Quem hoje escolhe por ofício o trabalho filosófico, tem de renunciar desde o início a ilusão que anteriormente alimentava os projetos filosóficos: a possibilidade de se atingir o todo do real pela força do pensamento. (...) a quem busca conhecer a realidade, esta só se apresenta como realidade total como objeto de polêmica; unicamente em vestígios e ruínas, perdura a esperança de que alguma vez chegue a ser uma realidade correta e justa.* <sup>7</sup>

As fraturas, as fendas e as ambigüidades vão ser os detalhes filosóficos em que Adorno centrará seus esforços interpretativos. Na *Dedicatória* do livro escrito nos anos 44-47, Adorno insiste:

*O ponto de partida específico das 'Minima Moralia', mais precisamente a tentativa de apresentar aspectos da Filosofia que compartilhamos a partir da experiência subjetiva, faz com que as peças não se sustentem inteiramente perante a Filosofia de que elas mesmas são uma peça. O caráter solto e descompromissado da forma, a renúncia à articulação teórica explícita também pretende expressar isso.* <sup>8</sup>

Na conferência *Para que ainda a Filosofia?*, Adorno faz alusão ao contratempo de sua opção pelo particular-concreto, como momento

<sup>6</sup> ADORNO, T. W. *Para qué aún la filosofía?*. p. 09.

<sup>7</sup> ADORNO, T. W. *Actualidad de la filosofía*. p. 74.

<sup>8</sup> ADORNO, T. W. *Minima Moralia*. p.11.

privilegiado do filosofar: *A pretensão de totalidade da filosofia tradicional que culmina na tese da racionalidade do real, não pode separar-se da apologética (...). Por outro lado, se a filosofia abandona sua pretensão de totalidade, incorre em conflito com a tradição.*<sup>9</sup>

Na *Dialética Negativa*, vai afirmar com todas as letras:

*A situação histórica faz com que a filosofia tenha seu verdadeiro interesse precisamente ali onde Hegel, de acordo com a tradição, proclamou sua indiferença no carente de conceito, no particular, no específico, elementos que, desde Platão, foram despachados como efêmeros e sem importância, e que receberam de Hegel a etiqueta de existência corrompida.*<sup>10</sup>

Estas “coisas”, impensáveis a partir da perspectiva macroscópica hegeliana, foram colocadas como desafios filosóficos para Adorno, nos seus dias de reflexão.

Para ele, o “concreto” necessitava situar o particular em sua relação dialética e mediada com a totalidade. O Objeto era então mais que o objeto mesmo e seu conhecimento era algo mais que o tautológico  $A = A$ , o racional = o real. Só através da mediação da reflexão conceitual podia ser entendida esta relação, precisamente por não estar “dada” de forma imediata na experiência.

Se a posição existencialista, que Adorno criticava em Kierkegaard, em Heidegger, necessitava do corretivo da mediação dialética, a dialética, por sua vez, ao abandonar os sistemas metafísicos fechados, necessitava enfrentar os fenômenos particulares da vida cotidiana, a “existência corrompida” de Hegel, sobre os quais os “filósofos da vida” e o existencialismo haviam recentemente atraído a atenção filosófica. Ao insistir na relação dialética do fenômeno com a totalidade e ao mesmo tempo na necessidade da análise microscópica, Adorno fundou seu conceito do “particular concreto”. A influência de Benjamin na validade deste enfoque é evidente.

<sup>9</sup> ADORNO, T. W. *Para qué aún la filosofía?*. p. 11.

<sup>10</sup> ADORNO, T. W. *Dialectica Negativa*. Versão castelhana de José Maria Ripalda. Madrid: Taurus, 1975, p.16.

Este olhar microscópico, que selecionava os objetos mais triviais, era uma ferramenta para o conhecimento filosófico, através da qual cada mínima particularidade do objeto pudesse liberar uma significação que dissolvia sua aparência reificada e a revelava como algo mais que simplesmente idêntica a si mesma. Ao mesmo tempo, o conhecimento liberado permanecia vinculado ao particular em lugar de sacrificar sua especificidade material por uma abstrata generalidade ahistórica. *A mediação dialética não é o recurso a algo mais abstrato, e sim o processo de dissolução do concreto no interior de si mesmo.*<sup>11</sup>

Uma análise microscópica que pudesse identificar o geral (a estrutura social burguesa) dentro do particular (dos detalhes) podia chegar a indicar algo mais que a função social das idéias; augurava a possibilidade de efetuar enunciados de verdade objetiva, ainda que historicamente específicas.

O particular não constituía "um caso do geral", não podia ser identificado por sua localização dentro de uma categoria geral, já que sua justificação residia mais em sua contingência que em sua universalidade. Como as mônadas de Leibniz, cada particular era único, porém cada um continha uma imagem do todo, uma "imagem do mundo", o que dentro de um marco marxista significava uma imagem da estrutura social burguesa.

Existia também nesta análise microscópica do particular concreto uma dimensão utópica da não identidade. A transitoriedade dos particulares era promessa de um futuro diferente. Ler a não identidade dos particulares como uma promessa de utopia era uma idéia que Adorno tomou de Ernst Bloch. Ao insistir no reconhecimento daquilo que "não existe ainda", Bloch fundava a esperança de futuro naqueles vestígios de utopia já experimentados no presente. No seu discurso inaugural, Adorno retomaria este pensamento: *só nos vestígios e nas ruínas havia esperança de se chegar a uma realidade justa e genuína*. Esta idéia de que o lugar da esperança utópica residia nas coisas pequenas, nos detalhes que escapavam à rede conceitual, era uma idéia que Adorno já havia expresso em sua filosofia da música e que seguiu sendo importante em sua teoria estética. Tal como escrevera em 1928 acerca da música de Schubert: (...) *a mudança só tem lugar*

<sup>11</sup> ADORNO, T. W. *Minima Moralia*. p.64.

nas coisas pequenas. Ali onde a escala é ampla, domina a morte<sup>12</sup>. Adorno concordava com Goethe: Não busques atrás dos fenômenos, eles mesmos são a verdade<sup>13</sup>. A verdade residia no objeto, porém não estava à mão; o objeto material necessitava do sujeito racional para liberar a verdade nele contida.

Vamos ler com atenção o aforismo 28 das *Minima Moralia* e observar de perto o olhar microscópico de Adorno na análise de um particular-concreto.

*Paysage. — O que falta à paisagem americana não é tanto, como gostaria uma ilusão romântica, ausência de reminiscências históricas, e sim o fato de que nela a mão do homem não tenha deixado pistas. Isso se refere não somente à falta de campos cultivados, às matas não desbravadas, geralmente densas e não muito altas, mas sobretudo às estradas. Estas irrompem subitamente em meio à paisagem, e quanto mais planas e largas elas são, tão mais desprovidas de qualquer relação e com mais violência destaca-se sua pavimentação cintilante em face da vegetação demasiado selvagem do meio ambiente. Elas são desprovidas de expressão. Como não possuem faixas para pedestres ou ciclistas, nenhum caminho para passeio às suas margens — à maneira de uma transição para a vegetação —, nenhuma trilha lateral que conduza pelo vale adentro, elas carecem da qualidade suave, tranqüilizante, não-angulosa, das coisas feitas à mão ou pelos instrumentos imediatos desta. É como se alguém jamais tivesse acariciado essa paisagem. Ela é desolada e desoladora. A isso corresponde a maneira de percebê-la. Pois o que o olhar apressado viu apenas de dentro do automóvel não pode ser retido e, como lhe fazem falta os traços, assim também desaparece sem deixar traços.*<sup>14</sup>

<sup>12</sup> In BUCK-MORSS, S. *Origen de la dialéctica negativa: Theodor W. Adorno, Walter Benjamin y el Instituto de Frankfurt*. p.167-8.

<sup>13</sup> In *idem*, *op.cit.*, p. 176.

<sup>14</sup> ADORNO, T. W. *Minima Moralia*. p.41.

A análise microscópica de Adorno nos apresenta subsídios ímpares para se analisar criticamente fatos irracionais dos dias de hoje, como a morte do índio Galdino por jovens da classe média alta brasileira, o assassinato bárbaro de crianças por crianças nos Estados Unidos, os esqueletos ambulantes na África faminta, cujas imagens não nos chocam mais.

**3 - O duplo caráter da filosofia, como algo especializado e não especializado.** A filosofia, ao mesmo tempo que significa liberdade de espírito, significa também um saber cientificamente sistematizado. Como especialização, tem ela que elaborar determinadas técnicas para conseguir afirmar-se dentro do trabalho científico, técnicas que podem comparar-se com as dos ramos das ciências particulares estabelecidas; por ex., na lógica, deve procurar a filosofia afinar suas próprias categorias lógicas e levá-las a tal nível que não fique por baixo das ciências particulares. É o fenômeno de consolidação da linguagem filosófica que ocasiona uma terminologia específica. É a linguagem enquanto garante aos membros de uma determinada escola uma pretensão de verdade. A formação de métodos seguros e de procedimentos racionais é também essencial à filosofia.

A tensão, porém, entre o especializado e o não especializado deve levar a filosofia a se precaver contra conceitos acabados, fechados, como ocorre com as ciências particulares, quando buscam nomear as coisas com nomes fixos, unívocos. A terminologia, uma vez coisificada e subtraída ao pensamento verdadeiramente pensado, tem a tendência a converter-se em uma marca, em uma espécie de certificado da orientação de quem a usa<sup>15</sup>. A historicidade dos conceitos é inalienável à realização temporal da filosofia. É-lhe inalienável também a dimensão metafórica. Se se estirpasse tal elemento e se não se empregasse na filosofia nenhuma palavra que dissesse mais do que deve dizer, então seria impossível formular pensamentos filosóficos de qualquer classe. Mesmo nos filósofos empiristas, positivistas, que defendem o nominalismo dos conceitos, metáforas impertinentes extravazam a tentativa de sufocar o potencial das representações do

<sup>15</sup> Cfr. ADORNO, T. W. *Terminologia Filosófica I*. Versión castellana de Ricardo Sanchez Ortiz de Urbina. Madrid: Taurus, 1983, p. 49.

real. Daí a importância da articulação entre arte e filosofia, *mimesis* e racionalidade, na formação dos conceitos e linguagens que se esforçam para expressar o real. É a relação complementar entre o momento científico e o momento estético da filosofia.

A filosofia enquanto sabedoria desenvolve sua relação constitutiva com o saber, com a ciência. Por outro lado, não é simplesmente saber, mas uma reflexão sobre o saber, crítica do saber. Pertence ao momento de auto-reflexão filosófica não abandonar-se ingenuamente à sua especialização nem tampouco à sua terminologia. Adorno enfatiza no livro *Terminologia Filosófica* que

*tal entrelaçamento entre filosofia e ciências particulares positivas se pode rastrear através da história do pensamento, umas vezes como tensão, outras como conexão necessárias, enquanto que aquelas filosofias que se arrogam não ter nada a ver com as ciências particulares, por uma certa oposição crítica, ou por manter uma certa distância frente a elas, se deslizam regularmente até o irracional e até o abracadabra.*<sup>16</sup>

E na conferência sobre a *Atualidade da Filosofia* revela que os problemas filosóficos se encontram em todo momento, e em certo sentido, indissoluvelmente encerrados nas questões mais definidas das ciências particulares<sup>17</sup>.

O objetivo da ciência é a investigação e o da filosofia, a interpretação, diz ele na *Atualidade da Filosofia*, e o paradoxo da filosofia é interpretar sempre com a pretensão de verdade, sem possuir uma chave certa de interpretação, pois o texto que a filosofia tem de ler é incompleto, contraditório e fragmentário e boa parte dele pode estar a mercê de cegos demônios. Quem sabe, a tarefa do filósofo seja precisamente a leitura, para que lendo aprenda a conhecer melhor e a desterrar estes poderes demoníacos. Não é tarefa da filosofia investigar intenções ocultas e preexistentes da realidade, e sim

---

<sup>16</sup> Idem. *Terminologia Filosófica II*. Versión castellana de Ricardo Sanchez Ortiz de Urbina. Madrid: Taurus, 1983, p.9.

<sup>17</sup> ADORNO, T. W. *Actualidad de la filosofía*. p.86.

interpretar uma realidade carente de intenções mediante a construção de figuras, de imagens a partir de elementos extraídos da realidade. A desconstrução em pequenos elementos carentes de toda intenção se conta segundo isso entre os pressupostos fundamentais da interpretação filosófica. Para a filosofia interpretativa, trata-se de desenvolver alguma chave que faça abrir-se de golpe a realidade. Os empiristas ingleses, do mesmo modo que Leibniz, chamaram ensaios (escritos assistemáticos) a suas produções filosóficas, porque a violência da realidade recém-aberta com a qual tropeçaram seus pensamentos os forçava sempre à ousadia no intento. O espírito não é capaz de produzir ou captar a totalidade do real; porém sim de irromper no pequeno, de fazer saltar no pequeno as medidas do meramente existente<sup>18</sup>.

Na *Dialética Negativa*, Adorno vai retomar, com ênfase, a necessidade da interpretação para a filosofia, ao analisar a XI tese contra Feuerbach. *Talvez a interpretação que prometeu uma transição à práxis foi insuficiente*<sup>19</sup>.

**4 - Da inutilidade da filosofia.** *Como a filosofia não serve para nada, não envelheceu ainda*<sup>20</sup>. Adorno, posteriormente, na *Teoria Estética*, fundamentando-se em Kant, irá defender a inutilidade da arte ("*finalidade sem fim*"), numa sociedade danificada onde só é útil o que tem uma função prática. Assim também a filosofia. Ao contrário das teorias — que não escapam ao mercado, que são todas vendáveis, devoradas — a filosofia é inútil, e o é radicalmente. Eis a sua situação aporética: ser impotente, não-funcional e, ao mesmo tempo, tornar-se possível em uma sociedade onde apenas o lucro e a utilidade prevalecem. Isso lhe confere força, criticidade. Se de um lado é percebida como um peso morto que dificulta a aquisição de conhecimentos úteis, de outro lado adquire autonomia para olhar a sociedade por dentro e sem as vendas do conformismo.

<sup>18</sup> Cfr. idem, op. cit., p.87-89, 91, 97, 102.

<sup>19</sup> ADORNO, T. W. *Dialectica Negativa*. p.11.

<sup>20</sup> ADORNO, T. W. *Para qué aún la filosofía?*. p. 22.

Adorno critica freqüentemente a “positivização” da filosofia, o fato de a filosofia só ser considerada importante e necessária quando realizada em função de uma prática imediata. Esta crítica tem muito a ver com a nossa situação de educadores. Todo nosso pensar “tem-de” ser diretamente voltado para o “que fazer” pedagógico, motivado pela desastrosa situação educacional no Brasil. Mas, então, a filosofia se nega a si mesma.

Vale a pena observar como Adorno trata desta questão no primeiro aforismo da Dialética Negativa, *É ainda possível a Filosofia?*.

*A filosofia que outrora parecia superada, continua viva porque se deixou passar o momento de sua realização. O juízo sumário de que não tenha feito outra coisa que interpretar o mundo e mutilar-se a si mesma de pura resignação frente à realidade se converte em derrotismo da razão, depois que fracassou a transformação do mundo.*<sup>21</sup>

Se não Marx, pelo menos muitos “marxistas” fizeram da “décima primeira tese contra Feuerbach” seu slogan “revolucionário” e despotencializaram a filosofia em nome de uma urgente práxis transformadora. Fizeram, para todo-o-sempre, do proletariado “o sujeito revolucionário da história”, o “continuador da filosofia idealista alemã” e se entregaram de corpo e alma à ação.

O fato de a filosofia continuar viva, após seus fracassos históricos, lhe confere maior responsabilidade e rigor metodológico. Justamente porque foi comprovada sua inutilidade, porque o real, fertilizado pela filosofia, não produziu os frutos esperados, ela se encontra obrigada a se questionar sem piedade, sem considerações. Os seus fracassos lhe dão a chave para se reencontrar a si mesma.

A questão da exigência de unidade imediata entre a teoria e a práxis tem sido muito prejudicial à teoria, deixando a esta o papel de submissa e eliminando dela sua especificidade. A práxis, por sua vez, se sente também sumamente prejudicada, pois sem a teoria que se lhe contrapõe, ela carecerá de fundamentos sólidos para sua realização e pode, como acontece, descambar em irracionalidade, em barbárie.

<sup>21</sup> ADORNO, T. W. *Dialectica Negativa*. p.11.

Por isso mesmo, para a práxis, é interessante que a teoria recupere sua independência. Nas *Minima Moralia*, Adorno já tinha mostrado esta preocupação: *desde que abrimos mão da utopia e se exigiu a unidade da teoria e da prática, tornamo-nos demasiadamente práticos*<sup>22</sup>.

A relação entre a teoria e a prática nem é uma relação de unidade (não são imediatamente una, embora não sejam absolutamente distintas), nem é uma relação decidida de uma vez para sempre; muda historicamente. A teoria pertence sim ao contexto social, mas é, ao mesmo tempo, dotada de autonomia. A prática é fonte de onde a teoria extrai forças para sua constituição, mas não é por ela constituída. A nenhuma teoria crítica é dado esgotar-se no particular; no entanto, sem ele, nada seria. Não se pode, pois, absolutizar a tese da unidade da teoria e da práxis, formulada por Marx sob o pressentimento de que era preciso atuar àquela hora ou nunca mais, pois poderia ser demasiadamente tarde.<sup>23</sup> Além de que, para Adorno, o pensar criticamente é intervenção no real, no social, implica em fazer; portanto, denúncia radical é práxis.

**5 - Desvelando os sentidos da filo-sofia.** φιλειν e σοφία querem dizer amar e sabedoria. Dito brevemente e de forma platônica, só se ama o que não se possui de modo firme e seguro. Sabedoria que se busca, que se ama, porém que não se tem, o conceito de amor tem sempre acompanhado toda a história da filosofia. Não é possível captar um autêntico pensamento filosófico sem paixão, sem uma vontade de ir atrás do pensamento. Desde Platão, no *Fedro* e no *Banquete*, a unificação entre a busca do conhecimento transcendente, a que tende toda filosofia, e o entusiasmo deste empreendimento parece que continua sendo, para Adorno, o pressuposto de todo pensar filosófico. Nele se aloja o momento do *eros* e do entusiasmo e seu intento é o de salvar ou recobrar por meio do conceito o momento mimético, criativo, expressivo, que na verdade está profundamente conectado com o amor <sup>24</sup>.

<sup>22</sup> ADORNO, T. W. *Minima Moralia*, p.37.

<sup>23</sup> Cfr. ADORNO, T. W. *Notas Marginais sobre teoria e práxis*. In ¾. *Palavras e Sinais: Modelos Críticos II*. Petrópolis: VÓZES, 1995, p.202-229.

<sup>24</sup> Cf. ADORNO, T. W. *Terminologia Filosófica II* p. 61-62.

Em Tasso, vemos que quando o homem emudece em seu tormento, um deus lhe concede o dom de expressar que sofre. É isto na realidade o que inspira a filosofia. Quase poderia dizer-se que quer traduzir a dor por meio do conceito<sup>25</sup>. Isso não impede de Georg Simmel assim se expressar: *É espantoso o pouco que a história da filosofia repara nas dores da humanidade*<sup>26</sup>.

A filosofia é a tentativa de se aproximar da verdade. As coisas mais sérias, as que tratam realmente da verdade, são sempre as mais frágeis. A verdade não é algo firme que temos em mãos e que podemos levar confiantes para casa. Ela é sempre e sem exceção algo extraordinariamente frágil, e o mesmo ocorre com o conceito de filosofia. Se a filosofia tem em seu primeiro momento a exigência da superação da ingenuidade, paradoxalmente, precisa da ingenuidade da criança que se detém admirada com o que lhe salta à vista. Se se deixa atrofiar a capacidade de perceber algo nas coisas, de ver que este algo nos encanta, então não será possível a construção de nenhuma reflexão verdadeiramente filosófica.

A filosofia, como expressão, é o esforço permanente e desesperado de dizer o que não se pode com propriedade dizer-se; expressar com conceitos algo que não é propriamente conceitual. Esse é um dos momentos da filosofia que a diferencia constitutivamente da ciência, e lhe traz uma certa afinidade com a arte, sem se identificar com ela.

*Frente à arte, a filosofia representa o não conceitual sempre e só por meio do conceito. (...) Se na arte, a verdade, o objetivo e o absoluto se fazem inteiramente expressão, assim também, pelo contrário, na filosofia a expressão se faz verdade, ou ao menos tende a isso.*<sup>27</sup>

*Sofia* é a segunda parte da palavra: a filosofia, já vimos, tem com o saber uma relação essencialmente constitutiva. Sabedoria tem

<sup>25</sup> Idem, op. Cit., p. 64.

<sup>26</sup> Idem, op. Cit., p. 131.

<sup>27</sup> Idem, op. cit., p. 67.

a ver com o saber profundo que tenta superar o imediatismo da vida prática, um saber que precisa de tempo para a meditação, para a mediação, em lugar de deixar-se absorver pelas exigências do dia a dia. O conceito de profundidade é exato enquanto significa a intenção da consciência filosófica de não se conformar com a fachada e averiguar o que está além da mesma. Se o conceito de sabedoria se coaduna bem com a imagem do velho, daquele que adquiriu, através do esforço e do tempo, o sabor íntimo das coisas, ele traz em si algo que é próprio da juventude: a não resignação, a não renúncia, o não se acomodar. A filosofia é a resistência contra todo clichê elevado ao plano da consciência<sup>28</sup>.

Estes são alguns fragmentos que nos permitem vislumbrar o(s) sentido(s) da Filosofia e sua importância como contraponto ao mundo administrado contemporâneo: o pensamento reflexivo que busca atingir a densidade da experiência, sem renunciar em nada a seu rigor e sem perder a sua força interna; o pensamento que procura outras formas de se aferrar na coisa, *“como se quisesse transformar-se num tatear, num cheirar, num saborear”*.<sup>29</sup>

---

<sup>28</sup> Idem, op. Cit., p. 100.

<sup>29</sup> ADORNO, T. W. *Prismas: crítica cultural e sociedade*. Tradução de Augustin Wernet e Jorge Matos Brito de Almeida. São Paulo: Editora Ática, 1998, p. 236.